

NARRATIVA DO HOMEM LENTO NA SOBREMERNIDADE

Vinícius Galvão Ramos¹

APRESENTAÇÃO

Este artigo parte da experiência de cursar a disciplina “Habitar a cidade: narrativas do corpo na sobremodernidade”, ofertada pelo programa de pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) no primeiro semestre de 2018, ministrada pelo professor Dr. Antônio Carlos Queiroz Filho.

Em uma primeira etapa da disciplina, foram apresentados cinco estímulos sensíveis a partir dos quais foram produzidas narrativas poéticas com os temas

que intitulam a matéria – habitar, cidade, narrativa, corpo e sobremodernidade –, conformando um roteiro temático. Em um segundo momento, este roteiro foi articulado com textos fornecidos pelo professor que serviram de balizas teóricas, culminando em seminários acerca de cada tema. Por fim, foram realizados trabalhos de campo em um terminal rodoviário e uma praça de livre escolha com o objetivo de coletar informações embasadas nos conhecimentos adensados nas etapas anteriores a partir da experimentação dos lugares, apresentando como produto final uma nova narrativa poética em linguagem distinta.

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (UFES) – Bolsista CAPES. vinicius.galvaor@gmail.com.

✉ Avenida Nossa Senhora da Penha, n. 2432, Santa Luiza, Vitória, ES. 29045-402.

A proposta deste trabalho é aproximar temas que permearam o desenvolvimento da disciplina em torno de um eixo que, a meu ver, os transpassou durante todo o processo: o tempo, seja em velocidade ou duração; e apresentar o produto final dessa experiência, uma plataforma de registros fotográficos nomeada “*Lategram*”.

Ao revisitar os temas estudados, resgato trecho de uma narrativa poética que produzi, estímulos e referências obtidas em sala de aula e introduzo a relação com o tempo, elemento complexo no qual estamos inseridos. Nessa reflexão, não pude deixar de me atentar a um dos problemas da sobremodernidade, o excesso, apontado por Augé (1994), que impacta a civilização e o convívio social.

Justamente pela complexidade dos temas que busco aqui uma abordagem interdisciplinar, conversando com a geografia, filosofia, antropologia e sociologia, com o anseio de compreender um pouco mais a dinâmica de habitar a cidade no tempo da sobremodernidade.

O HABITAR (EM RISCO) NA SOBREMODERNIDADE

Trago aqui uma breve síntese dos conceitos de habitar e sobremodernidade a partir de autores discutidos em sala e outras leituras complementares, definições que podem conduzir a narrativa do corpo na cidade contemporânea.

Heidegger (2012, p. 137) afirma que “a relação entre homem e espaço nada mais é do que um habitar pensado de maneira essencial”, de modo que a relação de cada ser com a terra, o céu os outros seres e os deuses – conjunto denominado *quadratura* –, na forma como pensa, atua e dá significado, define o modo de habitar de cada ser. Logo, na visão do autor, “o homem é à medida que habita” (HEIDEGGER, 2012, p. 127). Habitar é, portanto, virtude inerente à existência humana. Mas qual seria a condição do habitar no mundo contemporâneo?

Atualmente, vivemos no tempo da superabundância de acontecimentos que constitui uma situação de sobremodernidade. Este tempo sobrecarregado é “o que cada um de nós emprega ou julga empregar”, como define Augé (1994, p. 29). A velocidade de deslocamento do homem e das informações se acelerou,

encurtando distâncias e a própria noção de tempo, ocasionando o “estreitamento do planeta”, no que culminaria na individualização do ser. O antropólogo caracteriza, então, a sobremodernidade a partir de sua unidade essencial, o excesso, categorizando-o em excesso de tempo, excesso de espaço e excesso de ego, o individualismo.

O excesso de tempo manifesta-se logo na citada superabundância de acontecimentos. Como sabemos, vivemos num tempo de culto e elogio à velocidade, dos deslocamentos e trocas rápidas, em alguns casos, instantâneas, graças à tecnologia. É nessa velocidade que somos sobrecarregados de acontecimentos diariamente, o que nos leva, em contrapartida, a questionar se tudo é acontecimento ou nada mais é acontecimento.

Excesso de espaço no que cabe à mobilidade de pessoas e, sobretudo, de informações e imagens. O mundo se estreitou com os meios de transporte rápidos que aproximam distâncias e os satélites e a internet que transmitem imagens instantaneamente de uma extremidade à outra do globo. Com essa revolução, vivemos uma mudança de escalas, uma intimidade fictícia com o que vemos nas telas e presenciamos a multiplicação do que Augé (1994, p. 33) denomina não-lugares: “instalações necessárias à circulação acelerada das pessoas e dos bens”.

No mundo globalizado, tempo e espaço fundiram-se implicando mudanças no modo de habitar que podem ser percebidas a partir do entendimento de que

[...] possuindo o tempo sua própria natureza, que é a duração, e o espaço outra, que é o movimento, é necessário buscar uma coordenação entre os dois elementos. Assim, velocidade/aceleração é mudança de duração e, também, de movimento que, na perspectiva do mundo globalizado, tem impacto sobre o território enquanto cenário essencial da ação humana, espaço cultural e existencial da vida, referência física e emocional (SEVALHO, 2012, p. 9).

Na figura do excesso de ego, a individualização do homem pode ser vista também como consequência da combinação dos excessos anteriores. Sennett (2016) nos recorda que na poesia de Baudelaire a velocidade era tida como uma experiência frenética. No entanto, hoje a associamos a descanso e passividade. Isso porque o excesso tende a banalizar o acontecido e o corpo em “infindável locomoção corre o risco de ignorar a história, ao perder suas conexões com outras pessoas e com os lugares dos quais se move [...] viaja sozinho e em silêncio: anda para trás do ponto de vista social” (SENNETT, 2016, p. 273). Portanto, na dimensão do corpo, a sobremodernidade reflete-se como apatia dos sentidos, de modo que, para o sociólogo, a “sociedade atual aparece como um fenômeno histórico sem precedentes” (SENNETT, 2016, p. 19).

Em uma das narrativas poéticas produzidas na primeira etapa da disciplina dissertei sobre a cidade: “[...] que a vida te movimente, mas não seja mero deslocamento; que a sua dinâmica não me faça sentido, no entanto me encante como qualquer outro organismo. Não espero um ritmo constante, quero seguir seu passo, quero que por vezes siga o meu, quero que me lance paisagens até que me falte o ar. Mas espero não te ver sufocar por uma minoria que não sabe te ocupar”. Esta era uma percepção pessoal acerca da cidade desprendida de balizadores teóricos, em que já apontava uma preocupação com as consequências da mobilidade e o modo de habitar de uma parcela que hoje me pergunto se é mesmo minoria.

Levanto algumas questões. Se o habitar heideggeriano é, em síntese, a relação do ser com o espaço, embarcando as experiências humanas, seria a sobremodernidade uma ameaça ao habitar? Estaríamos nos distanciando da espetacular experiência de habitar a Terra e apenas passando por aqui passivamente, sem perceber e dar valor a tudo em nossa volta? Estão são perguntas com raízes ainda mais profundas, com motivações provenientes de áreas as quais aqui não me cabe discutir. Bem como

Sennett (2016), não quero encerrar este tópico com uma visão pessimista, então pergunto se é possível que avancemos a um tempo onde a sobremodernidade se humanize e reitere os questionamentos do mencionado sociólogo: “há alguma chance de existirem pontos de contato, mais do que trincheiras recuadas, entre povos diferentes? Pode a diversidade urbana refrear as forças do individualismo?” (SENNETT, 2016, p. 215).

A RESISTÊNCIA DO HOMEM LENTO

Neste tópico, abordo a teoria de “homem lento” do geógrafo Milton Santos (2008) ante à acelerada sobremodernidade. Uma resistência dos sentidos e da relação humana com o espaço e seus constituintes.

Se a junção da velocidade e do individualismo da sobremodernidade coloca em risco o habitar ao dessensibilizar o corpo do homem, há um personagem que resiste à essa força – ou simplesmente não tem acesso àquela primazia – e contenta-se com tempos mais lentos, o homem lento.

Para o geógrafo Milton Santos (2008, p. 92), há um “Tempo do mundo” globalizado perverso que é veloz e aflige o homem que habita a cidade, o que equivale à sobremodernidade de Augé (1994). Na perspectiva do autor, ao se submeterem à modernização, as metrópoles estão fadadas a se tornarem “cidades sem cidadãos”, entendendo que os cidadãos com acesso à mobilidade veem pouco da cidade e do mundo, “conformados à repetição dominada pela técnica” (SANTOS, 2008, p. 70, 80).

Nesse contexto, o homem lento é o homem comum, dos lugares não modernizados, muitas vezes tido como pobre, pressionado pela globalização. Para Santos (2008, p. 41), estes homens são solidários, criativos e “mais velozes na descoberta do mundo”. Nas palavras de Sevalho (2012, p. 12),

[...] o homem lento é carregado de humanidade e subjetividade, gerador de espontaneidade no cotidiano do lugar [...] é irremediavelmente contaminado pelos fatos e pela história, vivendo, na instabilidade, a abertura da complexidade. [...] é aquele contraposto à fragmentação da identidade social imposta pela globalização.

À luz dos conceitos até aqui expostos, como a filosofia de Heidegger (2012) sobre o habitar e a de Merleau-Ponty (1999, p. 201) que diz que “o corpo é o mediador com o mundo” e “o mundo é aquilo que nós percebemos”, para deduzir que apenas o homem lento encontra-se aberto na era da sobremodernidade para perceber a complexidade do mundo e se relacionar com este. Se, para Heidegger (2012), habitar é a maneira como o homem se relaciona e dá significado à sua quadratura, “é no lugar, na resistência das durações diante da velocidade, que o homem lento vive situações e produz, emite e faz circular o seu saber que abriga juízos e significados” (SEVALHO, 2012, p. 15).

Sennett (2016) aborda as associações feitas pelo filósofo João de Salisbury e o arquiteto Vitruvius entre a forma do corpo humano e a forma da cidade. Para Salisbury, o palácio ou a catedral estava situada na cabeça e o mercado central no estômago, de modo que as pessoas deveriam se locomover calmamente na catedral, pois o cérebro é um órgão reflexivo, e com rapidez no mercado, seguindo o ritmo digestivo do estômago. Enquanto Vitruvius imaginara que os membros do corpo eram conectados entre si pelo umbigo e, dado à importância simbólica do cordão umbilical, o *umbilicus* da cidade era o “ponto de partida para o cálculo da geometria urbana, um marco altamente emocional” (SENNETT, 2016, p. 97). Carregadas de subjetividade, tais analogias podem ser trazidas para a sobremodernidade, em que o homem da cidade abdica de seus demais órgãos e sentidos e mantém apenas o estômago que digere velozmente a superabundância de acontecimentos e imagens

que recebe; e o homem lento que se recusa a cortar o cordão umbilical que o conecta ao mundo.

No entanto, onde habita o homem lento?

– O homem lento habita o lugar solidário de múltiplas interpretações onde nascem as narrativas.

“LATEGRAM”: NARRATIVA LENTA NA SOBREMERNIDADE

A narrativa foi por muito tempo depreciada. O pensamento moderno prioriza o saber técnico-científico em relação ao subjetivo, artístico e até mesmo social. Hoje, como salienta Montaner (2017, p. 89), “temos consciência de certas qualidades da subjetividade: ela contém tudo o que resiste à matematização e à mercantilização; ou seja, [...] as experiências da vida”. Ainda segundo o arquiteto, essa ênfase na experiência e nos sentidos só pode ser incorporada “por meio de uma observação metódica, cuidadosa, poética e sem preconceitos para deixar que a realidade e o lugar falem”.

Apresento a seguir uma narrativa que expõe o processo e o produto final desenvolvido para a disciplina “Habitar a cidade: narrativas do corpo na sobremodernidade”, a plataforma de registros fotográficos “Lategram”.

Eu pensei muito antes de ir a campo. Pensei em onde ir, o que observar, como registrar, por quanto tempo, qual linguagem utilizar na narrativa... até perceber que estava pensando demais, racionalizando demais. Esse foi um desafio ao longo da disciplina, questionar e desconstruir a fictícia dualidade entre objetividade e

subjetividade. Até que retomei o significado de experiência como experimentação, vivência, e me lancei a campo tentando não premeditar o que aconteceria ou o que eu faria. Eu deveria apenas seguir o protocolo de visitar um terminal rodoviário e uma praça, observar e registrar. Ainda assim, acabei por fazer escolhas.

Minha primeira “escolha não-premeditada” foi incluir as visitas na minha rotina. Faz parte do meu dia-a-dia passar por praças e terminais, portanto eu não quis definir uma data e hora para visitar aqueles locais com o único objetivo de realizar o trabalho de campo. Decidi que, eventualmente, quando passasse por algum desses locais, faria o exercício de observar e registrar.

Na tarde de um domingo qualquer, saí de Vitória/ES para subir o Morro do Moreno em Vila Velha/ES e apreciar o por do Sol, no caminho de retorno para casa, eis que me encontro no Terminal Rodoviário de Vila Velha/ES. Já era noite, horário que eu não teria escolhido premeditadamente para realizar a atividade, entretanto, eu estava ali. Pela condição do dia e horário, a sensação era de que o lugar estava vazio, mesmo avistando algumas dezenas de pessoas espalhadas. Por um bom tempo eu observei, vi ônibus chegando e partindo, filas se formando e esvaziando, movimentações. “Isso que eu desejo registrar”. Comigo, eu tinha apenas o celular e uma câmera. Cabe a mim mais uma escolha, fotografia, vídeo, áudio? Fotografia. Fiz alguns registros e não estava satisfeito. Na tela tudo era muito estático, congelado, frio. Eu não queria que a foto fosse a ignição para criar uma narrativa, eu queria que a história já estivesse sendo contada na fotografia. Era preciso captar o movimento sem amarrá-lo no poste, preciso mantê-lo vivo.

Mais uma escolha, fotografia com longa exposição. Configurei o obturador da câmera para ficar aberto mais tempo. Em breves palavras, normalmente, o obturador se abre e fecha em milésimos de segundo, assim as fotos ficam estáticas. Com o obturador aberto por mais tempo é como gravar um minivídeo, porém com os quadros sobrepostos, desse modo, o movimento é capturado e registrado formando um rastro. Só fica estático o que não se move durante aquele tempo.

Somente no rastro do movimento é possível perceber a troca que ocorre. Se estivesse estática, seria possível apenas presumir e criar uma história, aqui (Figura 1), a história já está sendo contada.

O terminal correspondeu ao esperado, era um não-lugar, como define Augé (1994). Toda aquela infraestrutura parece ser apenas um campo de concentração de ansiedade e transitoriedade. É um vai e vem, ninguém fica, nada habita. Os sentidos estão voltados aos ônibus que chegam, porque todos querem partir para algum outro lugar.

A ida à praça também foi ocasional. Como de costume, fui à feira de alimentos no estacionamento da Praça do Papa em Vitória/ES, coincidentemente, estava anoitecendo. Esta praça foi projetada para receber eventos, sendo então em grande parte pavimentada, sem árvores e bancos, abrigando instalações efêmeras. E essa era minha única recordação da praça, de ir até lá semanalmente na feira que é montada e desmontada ou em eventos do mesmo tipo. Apesar da praça ter ligação direta com a baía, eu não havia a atravessado por completo e chegado até a água para observar a vista, porque o trajeto não me era atrativo em dias de sol e à noite me parecia insegura. Contudo, mais uma vez eu tinha a oportunidade de vivenciar um local em um horário que eu não escolheria. Comecei por registrar a feira utilizando a mesma técnica de fotografia com longa exposição. Atravessei o estacionamento, cheguei à praça, à primeira vista, inóspita, porém me surpreendi com um movimento de ciclistas, algumas pessoas caminhando e, bem ao fundo, em um *deck*, pessoas se reunindo, em sua maioria crianças (Figura 2). Que boa surpresa, aquele espaço contém vida, história. Minha



Figura 1
Fonte: RAMOS, V. G.



Figura 2
Fonte: RAMOS, V. G.

insegurança até deixou de me fazer companhia e registrei aqueles movimentos entusiasmado.

A ideia das fotografias com longa exposição me pareceu apropriada logo que me veio à mente, pois pode ser bem associada ao que era proposto e ao que foi apresentado neste trabalho até então. Num tempo onde as pessoas hipervalorizam a velocidade e instantaneidade das coisas, escolhi dedicar mais tempo – ainda que fosse 1 segundo ao invés de milésimos – para capturar movimentos que compusessem uma narrativa. As fotografias podem ser desinteressantes para muitos, borradas, sem nitidez, mas, para mim, elas só fazem sentido como são.

Com o intuito de contextualizar a narrativa fotográfica com os temas estudados, pensei em uma diagramação para apresentar o resultado dos registros, foi então que surgiu o “*Lategram*”. A ideia aqui foi criar uma plataforma para compartilhar registros fotográficos que utilizem a mesma técnica de longa exposição. O nome se contrapõe ao da rede social *Instagram*, que deriva de *instant* (instantâneo), uma rede de exposição dos excessos sobremodernos. “*Lategram*”, derivado de *late* (atrasado, tardio, demorado), carrega o valor do homem lento, da subjetividade, da atividade do corpo em sua plenitude sensorial. Na plataforma, que tem o mesmo layout do *Instagram*, a localização marcada não é precisa, não é a convencional, esta mais descreve do que pontua. Só saberá reconhecer e se direcionar ao lugar da foto aquele que não for passivo à cidade, quem preza as coisas julgadas desimportantes do cotidiano. A legenda dá continuidade à narrativa traduzindo ou dialogando com a fotografia sem encerrar a sua história (Figuras 3 e 4).

Relembrando Sennett (2016), é possível ver abaixo (Figura 5) um corpo que viaja sozinho e em silêncio. Enquanto em primeiro plano vemos duas pessoas se movimentando, ao fundo há uma mulher sentada a viajar na tela de seu celular, de onde poderia estar recebendo informações do outro extremo do planeta, porém, aqui, encontra-se estática, passiva, não olha para os lados, não se interessa por quem passa a sua frente, nenhum movimento é capturado enquanto o obturador está aberto.

Em contraposição, ainda que não resida ali, este homem lento (Figura 6), sem acesso à mobilidade tão presente e marcada naquele espaço, atento às coisas desimportantes que outros homens deixam para trás, procura algo que lhe sirva de abrigo nem que por apenas uma noite. Certamente conhece mais lugares do que eu, habita toda a cidade que se faz sua morada.

Há a possibilidade de continuação do “*Lategram*”, talvez como um perfil *online* em alguma rede social existente ou um sítio eletrônico, mas penso que, talvez, devesse funcionar como uma troca de postais entre os usuários da plataforma, assim, ainda esperaria a impressão e postagem das fotografias-postais, podendo inserir comentários manuscritos que seriam devolvidos ao usuário, uma saudação à velocidade lenta que aprecia e apreende o trajeto fazendo jus à grandiosidade do mundo. Como afirma Santos (2008, p. 80), “a força [transformadora] é dos ‘lentos’”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ameaça ao habitar ainda pode ser vista como mera especulação ou saudosismo de um modo de se relacionar pertencente à outra época que não a da sobremodernidade. No entanto, as transformações espaciais e sociais ocorridas nas últimas décadas são inegáveis e estas podem ser sintomas de uma tragédia anunciada, contudo, ainda pouco discutida.

É possível que surja um novo modo de habitar sobremoderno em que a individualização do ser, a

Lategram



Figura 3
Fonte: RAMOS, V. G.

Lategram



Figura 4
Fonte: RAMOS, V. G.

Lategram

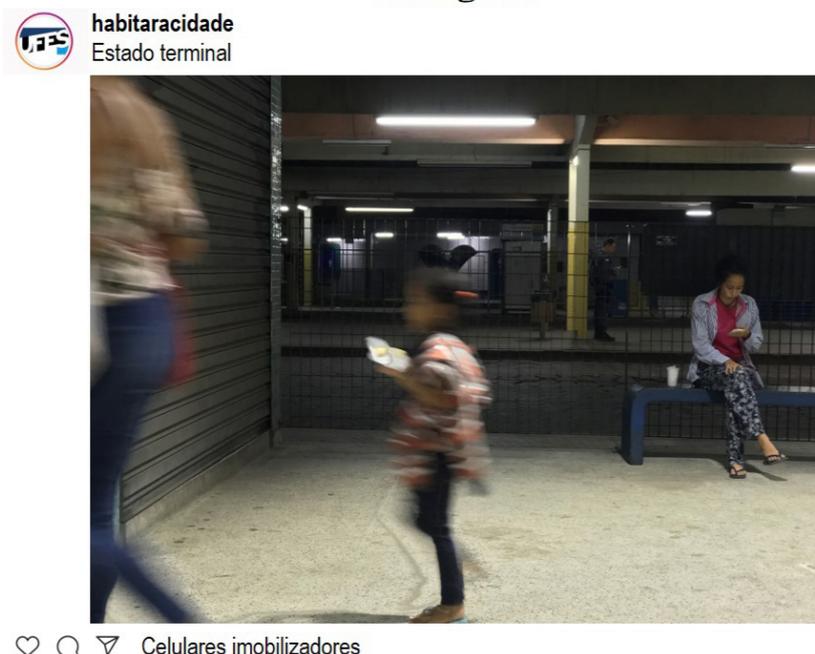


Figura 5
Fonte: RAMOS, V. G.

Lategram

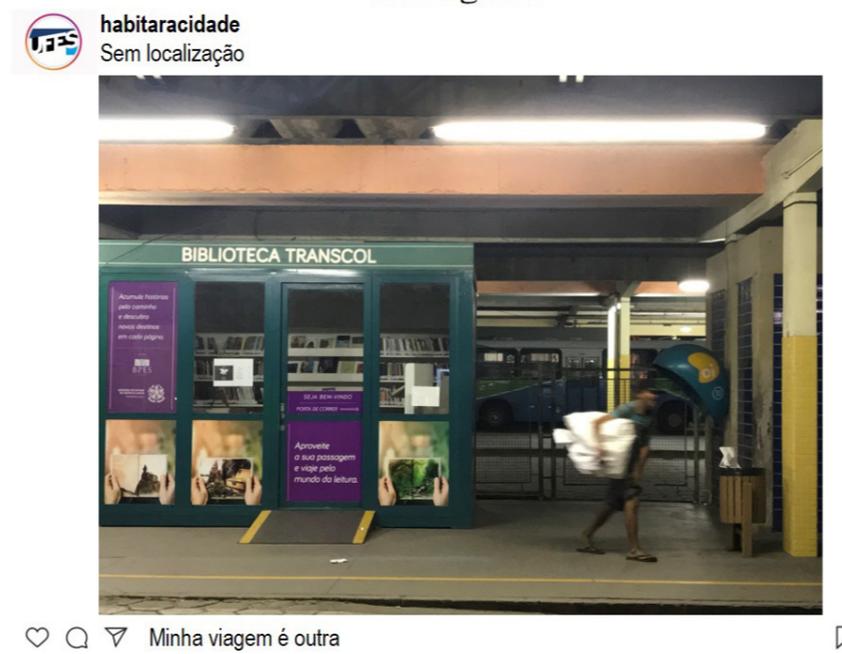


Figura 6
Fonte: RAMOS, V. G.

velocidade dos acontecimentos e o encurtamento das escalas não sejam vistos como problemas. Talvez no futuro todos nos transportemos para uma personalidade e um ambiente virtuais e passemos a habitar a “*Matrix*”.

Fato é que hoje observamos cidades dispersas, pessoas constantemente ansiosas, praças tendo que ser adotadas por poucos cidadãos que ainda combatem o extermínio da história, perda dos sentimentos de pertencimento e coletividade, surgimento de não-lugares, aumento da passividade diante de processos políticos e sociais, pessoas virtualmente conectadas em cidades fisicamente desconectadas.

Aliás, a dualidade que se tornou mais evidente e contrastante é a das dimensões real e virtual. A globalização alcançou mesmo regiões antes inimagináveis e as conectou virtualmente. Hoje, muitas pessoas alimentam suas personalidades virtuais na rede que nem sempre condizem com suas personalidades reais. O campo virtual pode ser visto muitas vezes como mais “fácil” de habitar que a cidade real. Tendemos a esquecer o corpo passivo se locomovendo infundavelmente na cidade enquanto estamos ativos *online*. Perdemos inclusive a própria consciência corporal como unidade de medida real ao passo de que flutuamos sem escala sendo onipresentes na virtualidade. Cabe refletir se é mesmo necessário abdicar do relacionamento espacial e social em uma dimensão para habitar outra.

Discutir os tópicos que intitulavam a disciplina é discutir a nossa existência no mundo. É questionar o nosso modo de habitar, relacionar e posicionar. É rever conceitos e ações, analisar ferramentas até, por fim, ser capaz de mudar um comportamento padrão. Esse foi o maior resultado alcançado durante toda esta experiência, despertar para dualidades reais que devem ser debatidas e outras fictícias que precisam ser desconstruídas, como romper a ideia do pensamento tido como superior, técnico-científico, admitindo o valor por igual da subjetividade.

“Dou respeito às coisas desimportantes e aos seres desimportantes.
Prezo insetos mais que aviões. Prezo a velocidade das tartarugas mais que a
dos mísseis”

(Poema O apanhador de desperdícios, Manoel de Barros, 2013). 

REFERÊNCIAS

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 1994.

BARROS, Manoel de. **Poesia completa**. São Paulo: LeYa, 2013.

HEIDEGGER, Martin. Construir, Habitar, Pensar. In: HEIDEGGER, Martin. **Ensaios e conferências**. Petrópolis: Vozes, 2012.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MONTANER, Josep Maria. **Do diagrama às experiências, rumo a uma arquitetura de ação**. São Paulo: Gustavo Gili, 2017.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço e tempo: globalização e meio técnico-científico informacional**. São Paulo: Hucitec, 2008.

SENNETT, Richard. **Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2016.

SEVALHO, Gil. O “homem dos riscos” e o “homem lento” e a teorização sobre risco epidemiológico em tempos de globalização. **Interface**, Botucatu, v. 16, n. 40, p. 07-20, mar. 2012.